

“O ERMITA E O ANJO” NO NORDESTE (*)

Ruth Brito Lemos Terra (**)

para Arlinda Rocha Nogueira

O modelo narrativo assim como elementos temáticos de estórias da tradição se fazem presentes na literatura de folhetos do Nordeste, nos seus romances, poemas de época e mesmo nos desafios. Pode-se afirmar que fornecem coordenadas a toda esta literatura (1). Contudo, é nos romances ou histórias que aquela presença se faz sentir mais fortemente.

Muitos dos romances de folhetos foram versificados a partir dos “livros grandes da tradição”, escritos em prosa e há muito difundidos no Nordeste, como as *Histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, Roberto do Diabo* ou *Genoveva de Brabant*. Na elaboração destes romances os poetas seguem literalmente as narrativas matrizes. Isto não impede que recursos adaptativos se dêem frequentemente a nível da linguagem, no arranjo dos episódios e na introdução de costumes e “queixas” regionais. A fidelidade aos textos geradores justifica-se não

(*) O presente ensaio foi-me sugerido pela leitura do “dossier” “L’ermite et l’ange” analisado pelos Profs. Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt no Seminário “Culture populaire et culture savante au Moyen-âge: Les exempla”, realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1976-1977, tendo sido em parte por mim apresentado no referido Seminário. Agradeço aos Profs. Le Goff e Schmitt e a Daniela Scotti, Giuseppe Gatto, Francisco Assis de Sousa Lima e Telê P. Ancona Lopes pelas sugestões.

(**) do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Setor de Antropologia.

(1) Esta questão foi por mim desenvolvida no 3º cap. da tese *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. FFLCH da USP, 1978.

apenas pela existência de uma fonte impressa, mas sobretudo pelo conhecimento arraigado que deles detêm o poeta e o seu público, e na sua aceitação, por colocarem em evidência valores como honra, fidelidade e coragem.

Mesmo romances versificados a partir de contos maravilhosos, como a *História de Juvenal e o Dragão*, seguem de perto a narrativa matriz, embora recursos adaptativos remetam constantemente à realidade e a valores vividos. De modo geral quando o poeta popular elabora uma estória aproveitando apenas motivos da tradição oral, e não seguindo um motivo tipo (2), aumentam as suas possibilidades de criação, o que é favorecido pela estrutura mesma do conto maravilhoso.

Contudo, malgrado as adaptações, pode-se reconhecer nos romances citados, como em muitos outros, as mesmas personagens, locais e sobretudo os episódios e desenvolvimento da narrativa que serviu de base ao poeta popular.

Casos há, entretanto, de a narrativa da tradição ser reescrita a partir de elementos regionais. *A História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio*, que tem como tema a justiça de Deus, expresso no Brasil pelo provérbio "Deus escreve certo por linhas tortas", e versificada a partir de uma das versões de "O ermita e o anjo", é exemplar neste sentido.

"O ermita e o anjo" é o MT-759 de Aarne-Thompson (God's justice vindicated). Esta estória, que remonta a fontes orientais árabes e judaicas, será encontrada entre os padres do deserto, no século VI, e terá grande divulgação nos livros de exempla do século XIII e em séculos posteriores, continuando depois a ser difundida em contos da tradição oral (na qual possivelmente inspiraram-se os autores do exemplum), e na literatura erudita.

Em defesa de Voltaire, acusado de plágio em "O ermita", capítulo de *Zadig ou o Destino*(3), Gaston de Paris lembra que Voltaire não recorreu senão a um tema conhecido entre árabes e judeus e difundido desde a Idade Média, no ocidente, nas muitas versões da narrativa "O ermita e o anjo". Ao comentar os textos da

(2) No decorrer do texto é pressuposta a definição de conto maravilhoso de Wladimir Propp. A referência aos motivos, elementos simples que formam os tipos (estes entendidos como contos ou estórias completas), assim como a indicação do motivo-tipo de Aarne-Thompson, é feita para caracterizar algumas das narrativas citadas.

(3) Voltaire, "L'hermite", *Zadig ou la Destinée*. Histoire orientale. Paris, Ed. Garnier-Frères, 1960. Texto estabelecido a partir da edição de 1775. Préron (*Année littéraire*, 1767, I, pp. 30ss.) acusou Voltaire de ter emprestado sua narrativa ao poema "The hermit" do inglês Parnell, publicado em 1721.

Na narrativa de Voltaire, *Zadig* acompanha um ermita que rouba uma bacia preciosa, dando-a a seguir a um mau hospedeiro; incendeia a mansão de um bom hospedeiro e mata o sobrinho de uma viúva que os hospedara. No final, revelando-se um anjo, o ermita justifica seus atos: roubou a bacia àquele que recebia bem por vaidade, para fazer admirar suas riquezas, assim se tornaria mais sensato; dá a bacia ao mau hospedeiro para que este aprenda a ser mais hospitaleiro; sobre os escombros da casa seu dono encontrará um tesouro; o jovem mataria a tia dentro de um ano.

tradição oriental, onde as ações são justificadas por causas temporais, Gaston de Paris observa que o cristianismo substituiu nesta narrativa alguns elementos ou mudou-lhes o significado (4).

Não cabe aqui transcrever os textos árabes e judaicos citados por Gaston de Paris; reproduzirei apenas no essencial os versetos de o *Corão*, para melhor situar as mudanças desta narrativa quando incorporada por autores cristãos e na sua re-elaboração pelo poeta popular.

Em o *Corão* (Surata XVIII, versetos 64-81), Moisés encontra e pede para seguir "um de nossos servidores" (um desconhecido) a fim de que este lhe ensine sobre o verdadeiro caminho. Eles partiram e caminharam até a borda do mar; o desconhecido danifica um barco; mata um jovem e ergue o muro de uma cidade cujos habitantes negaram-lhes hospitalidade. O desconhecido ensina a Moisés o significado de suas ações: o barco pertencia a pobres pescadores, ele o estragou porque depois de sua partida viria um rei que se apoderaria de todos os barcos; quanto ao jovem, era perverso e incrédulo, Deus daria a seus pais um outro filho mais virtuoso e digno de afeição; sob o muro estava um tesouro, herança de dois órfãos, filhos de um homem de bem, ergueu o muro para que não fosse descoberto antes que as crianças crescessem (5).

Pelo fato mesmo das referências e da estrutura da *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio* sugerirem como fonte uma das versões do exemplum "O ermita e o anjo", situarei de início este gênero literário, apresentando em seguida os principais episódios presentes nos textos medievais. Indicarei as versões desta estória na literatura oral da Península Ibérica e do Brasil e as modificações ocorridas. Analisarei as diferenças existentes entre a narrativa medieval e a estória do folheto, localizando suas personagens e episódios no contexto social em que se inserem e no quadro da religiosidade popular do campo brasileiro. Finalmente, farei um paralelo entre nossa estória e um conto popular espanhol, para melhor explicitar a narrativa subjacente. Em conclusão, apontarei interseções entre o modelo subjacente, a estória do folheto e o contexto sócio-cultural.

O exemplum, procedimento literário que conheceu grande voga na pregação e na literatura espiritual da Idade Média, tomou-se instrumento pedagógico destinado ao ensinamento moral ou religioso. O exemplum se apresenta sob a forma de uma narrativa autônoma, tendo em média de dez a vinte linhas. De fácil

(4) Gaston de Paris, "L'ange et l'ermite" in *La poésie au Moyen-âge*. 1885, I vol. pp. 151-187.

(5) *Le Coran*, traduzido do árabe por Kasimirski, Paris, Garnier-Flammarion, 1970. pp. 234-235.

compreensão e memorização, tinha por finalidade fazer compreender, fornecendo particularmente aos espíritos mais simples, um ensinamento cristão. Seu emprego é, no entanto, bem anterior ao cristianismo. Sob formas diversas (parábola, conto, lenda, fábula etc.) era apreciado entre os antigos povos orientais, não comportando necessariamente qualificação moral, como quando empregado pelos autores cristãos.

Na segunda metade do século XIII aparecem os primeiros "recueils" de exemplar que atestam o pleno desenvolvimento do gênero; têm como fonte a antiguidade sagrada (bíblicos), antiguidade profana, vidas de santos (hagiográficos) e narrativas puramente legendárias. A partir do século XVII, o exemplum é cassado da literatura ascética e erudita. Mas na Espanha e em Portugal, como na França e na Itália, a prédica popular continuou fiel a este procedimento tradicional, carregado do maravilhoso medieval e antigo (6).

Seguem-se os principais episódios do exemplum "O ermita e o anjo" (7), presentes em quase todos os textos, variando apenas a ordem em que aparecem: um ermita quer saber ou duvida da justiça de Deus; aparece-lhe um anjo sob a forma de um homem e lhe diz que o acompanhe (ou ainda, por isto parte, no caminho aparece-lhe um anjo sob a forma de um homem que se propõe a acompanhá-lo); em uma casa onde são bem recebidos, o homem rouba uma taça; a taça roubada é dada a um mau hospedeiro; mata à noite, no berço, ou lança ao rio o filho único de um bom hospedeiro; lança ao rio um servo do bom hospedeiro ou a um homem qualquer.

- (6) Sobre as fontes e o papel do exemplum na Idade Média e na época moderna, ver Welther *L'exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen-âge*. 1927 e Petré, Cantel e Ricard, "Exemplum" in *Dictionnaire de Spiritualité*, Tome VI. 1961. pp. 1885-1902.
- (7) Episódios presentes nos seguintes textos, constantes do "dossier L'ermite et l'ange", analisados no Seminário dos Profs. Le Goff e Schmitt: Jacques de Vitry, *Exempla ex-Sermonibus Vulgaribus* (1260). Ed. por Th. Fr. Crane, *The exempla or illustr. stories from the sermons vulgares of Jacques de Vitry*. pp. 50-51. Londres, Mutt, 1890.
- "De murmure" Etienne de Bourbon, *Tractatus de diversis materiis praedibilibus secundum setem dona spiritus sancti*. Ed. por Lecoy de La Marche com o título *Anecdotes historiques, légendes et apologues tirés du recueil inédit d'E. de Bourbon*. Paris, Renouard, 1877. pp. 346-349.
- "De angelis" Johannes Gobi, *Scala Coeli*. (Escrito em torno de 1323-1330). Existem numerosos manuscritos e incunábulos. O texto do "dossier" provém da edição de Lübeck de 1476: B. N. Rés. D. 1875, in fol.) ff. 13a-14b.
- "De justitia et equitate dissertissimi judicis Christi per occulta judicia" *Gesta Romanorum*. Ed. H. Oesterley, Berlin, 1872. Cap. 127, pp. 478-80.
- "De heremita et pastore et angelo" *Die Gesta Romanorum nach der Innsbrucker Handschrift vom Jahre 1342*, herausg. v. Wilhelm Dick, Erlanger. Leipzig, 1890. Cap. 220, pp. 234-237.

No início de algumas narrativas o ermita presencia um roubo ou um assassinato, alguém é acusado deste roubo ou desta morte que não cometeu, tem o pé amputado ou é morto, o que leva o ermita a duvidar da justiça de Deus.

O ermita, escandalizado com as ações do seu acompanhante acredita, em algumas narrativas, tratar-se do demônio; o anjo explica-lhe, então, os seus atos: rouba a taça porque esta afastava de Deus o seu possuidor; a taça é dada ao mau hospedeiro como recompensa terrena para que nada tenha a seu favor na outra vida; mata a criança porque com o seu nascimento seus pais haviam se afastado dos deveres para com Deus e, ou, deixaram de ser caridosos; o homem lançado ao rio, até então uma pessoa virtuosa, naquele dia iria matar alguém; morrendo, não cometeu o crime e não perdeu sua alma. Quanto aos crimes injustamente punidos, aquele que teve o pé amputado no passado havia dado um pontapé na própria mãe e os que foram condenados à morte haviam cometido outros crimes.

Os quatro principais episódios do exemplum "O ermita e o anjo" se fazem presentes em contos populares registrados nos séculos XIX e XX na Bretanha, Espanha, Portugal (8), Canadá e Brasil. O levantamento feito por Espinosa revela seis versões em língua espanhola (uma delas no México), nas quais são encontrados os episódios básicos da narrativa medieval e outros provenientes das narrativas árabes (9). Em alguns dos contos espanhóis o ermita é substituído por Sta. Tereza ou São Pedro, cabendo a Jesus ou ao próprio Deus, o papel do anjo.

"Deus é justo sim" (10) é o título do único conto popular brasileiro localizado, no qual comparecem o ermita e o anjo. Um ermita presencia o assassinato de um homem por um ladrão que foge, outro homem que chega ao local é acusado e condenado (embora o ermita deponha em seu favor, não lhe dão crédito). O ermita duvida da justiça de Deus e decide abandonar a vida de penitente; aparece-lhe um anjo em sonho e revela-lhe que naquele local um homem fora assassinado há vinte anos por aquele que ele acreditava tivesse sido condenado injustamente. No dia seguinte o ermita cava e encontra os ossos do homem assassinado; pede perdão a Deus e continua penitente até morrer. O conto encerra-se aí, sem os demais episódios comuns à narrativa "O ermita e o anjo". O conto bretão, registrado por Luzel (11), de início igual ao brasileiro, apresenta-se completo.

- (8) Quanto às versões de "O ermita e o anjo" em Portugal, a narrativa registrada por Theophilo Braga (*Contos tradicionais do povo português*. Lisboa, 1883. II vol. pp. 117-120), que segue as justificativas do exemplum, faz parte da obra do Pe. Mathus Ribeiro, *Alvío de triste e consolação dos queixosos*, 2^a ed. de 1672. Do conto registrado por Athayde de Oliveira (*Contos tradicionais do Algarve*, Porto, 1905), só conheço a referência feita por Espinosa.
- (9) Aurélio M. Espinosa, *Cuentos populares españoles*. Madrid, 1946, vol. II, pp. 299-308.
- (10) Aluizio de Almeida, *Contos populares do povo brasileiro*. pp. 31-32.
- (11) F. M. Luzel, *Legèndes chretiennes de la Basse-Bretagne*. Paris, Maisonneuve et Larose, Ed. de 1967, vol. II, pp. 1-10. Conto de 1912.

Na explicação das ações reside a diferença maior entre os contos populares recentes e os textos medievais. Naqueles, as explicações para as aparentes injustiças são buscadas na terra. A morte da criança, por exemplo, justifica-se porque esta desonraria a seus pais, tomando-se um ladrão, seria enforcada. O conto brasileiro reduz-se ao episódio inicial de alguns exempla, aquele que tem como justificativa o cumprimento da justiça terrena. A explicação dada à oferta da taça ao rico, mau hospedeiro, permanece a mesma: para que nada tenha a seu favor na outra vida — o que possivelmente expresse a condenação do povo (talvez a única que lhes ocorra/possível) aos ricos que não praticam a caridade.

II

A trama da *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio* (12) desenvolve-se em torno da devoção de um homem a este santo, do qual espera a proteção para seus trastes mais queridos: sua mulher, seu filho e seu cavalo. Quando na 1ª estrofe, o poeta anuncia que vai contar um caso que se passou há muito tempo, para que ninguém se oponha à vontade de Deus, prenuncia o tema da justiça divina. Num primeiro momento, ao pedir para que seus trastes não morram, o homem dirige-se a Deus, e não a Santo Antônio, o que vem a ocorrer depois quando uma voz exorta-o, em sonho, a adorar este santo. As referências à providência divina e aos desígnios de Deus estão presentes em todo o texto.

Na seqüência da narrativa, quando morre o cavalo, embora o homem diga que Santo Antônio o enganou, sua mulher, em réplica, lembra-lhe que as obras de Deus, a quem cabe o mundo obedecer, são desconhecidas. O homem conhece que a mulher tem "bom tino" dado pela providência divina. Após a morte do filho, o homem desacredita do poder de Santo Antônio, sua mulher reafirma-lhe o preceito de obediência à vontade de Deus. Ao morrer a mulher o homem decide suicidar-se (13), por isto parte; no caminho encontra um padre a quem conta sua história e do seu descrédito em Santo Antônio. O padre justifica então as mortes, mostrando-lhe três retratos: no primeiro vê seu cavalo e ele caído ao lado, morto por um coice; no segundo, seu filho amarrado e rodeado por soldados, o padre explica-lhe que o menino se tomara ladrão; no terceiro, sua mulher nos braços de outro

(12) *A História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio*, cuja autoria é atribuída a João Martins de Athayde, vem sendo publicada desde, pelo menos, 1917, data de então o primeiro anúncio deste poema, encontrado na capa do folheto *Os sucessos do Recife*, sobre as repercussões da 1ª guerra mundial no Brasil. Acha-se ainda incluído entre os títulos à venda, relacionados em folhetos publicados nas décadas de 20 e 30, o que indica a sua aceitação pelo público. A última edição por mim localizada data de 1950. As indicações sobre as edições encontram-se na bibliografia.

(13) O suicídio é pouco referido na literatura de folhetos, e quando aparece é condenado.

homem, com quem fugiria; aconselha-o a não se enforçar, voltar para casa e adorar Santo Antônio, desaparecendo a seguir. O homem voltou para casa e adorou este santo até morrer.

As referências constantes a Deus e à providência divina, evidenciam a existência de uma narrativa subjacente à estória do folheto. O significado da substituição dos episódios e das personagens da narrativa medieval e o motivo pelo qual esta substituição é incompleta, buscaremos verificar a seguir.

Santo Antônio e o quadro da religiosidade popular — A maioria dos católicos brasileiros tem no culto aos santos o centro de sua vida religiosa. O catolicismo no campo, que praticamente se desenvolveu sem a presença de padres, pouco numerosos, continuou muito próximo daquele trazido pelos portugueses nos primeiros séculos de colonização e cujos componentes faziam parte, já em Portugal, da religião popular. O culto dos santos foi reinterpretado, entre nós, a partir da mobilidade do homem do campo e dos grupos de vizinhança. No meio rural, este culto não segue rigorosamente o calendário oficial da Igreja, nem as prescrições litúrgicas; traduz-se em procissões, peregrinações e promessas propiciatórias, com oferendas materiais. O modelo de respeito em relação aos santos compreende as festas, as novenas coletivas ou as ladainhas familiares. A relação entre o santo e o indivíduo repousa sobre um contrato recíproco, a promessa. Pressupõe-se que sua não execução por uma das partes resulte em sanções. As imagens dos santos podem ser castigadas e mesmo desacreditadas quando tardam ou "esquecem" de realizar o esperado pelo devoto. (14)

Deus e Cristo, se bem que reverenciados, são considerados entidades remotas e impessoais. Os anjos, por sua vez, se fazem pouco presentes na religiosidade popular (15). Assim sendo, a substituição, na estória do folheto, do anjo do exemplum por um santo é esperada, especialmente se for Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, o santo do Iório, um dos santos de devoção mais popular no Brasil, cuja festa se comemora a 13 de junho (16). São-lhe atribuídos poderes de casar jovens e en-

(14) Sobre a religiosidade popular no Brasil e o culto a S. Antônio, ver bibliografia.

(15) Para o povo, anjo é criança, cadáver de criança menor de cinco anos, ou anjo da guarda; ver L. da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 1972, 1^o vol. pp.67-69. Na literatura de folhetos o arcanjo São Miguel aparece, como auxiliar de Nossa Senhora, no papel de advogado das almas pecadoras, livrando-as do demônio.

(16) Segundo Câmara Cascudo, S. Antônio é o padroeiro do maior número de igrejas no Brasil, além de inúmeras capelas e oratórios privados onde é cultuado (*Dic.* vol. I pp. 69-73). Pesquisa sobre a religiosidade de pequenos e médios cultivadores de Pernambuco (onde foi publicado o folheto analisado) mostrou que é o santo ao qual são feitas o maior número de promessas, seguido por São José (Gonçalves Fernandes, *Região, crença e atitude*. 1963).

contrar objetos perdidos (17). Em algumas regiões é atribuída ainda a este santo a proteção da colheita e dos animais, dos quais é patrono Santo Antônio Abade, o Ermita (também chamado pelo povo de S. Antônio do porco), cuja festa comemora-se a 17 de janeiro.

Analisando a confusão estabelecida entre Santo Antônio Abade e Santo Antônio de Lisboa, na religiosidade popular italiana, PANSA considera: "Entre S. Antônio do porco e S. Antônio do lírio, na tradição popular a confusão é toda extrínseca (...) o santo do lírio é sempre, como o outro, um gênio benéfico a quem é entregue a custódia de tudo o que na vida do homem lhe é mais caro". (18) O povo, acrescenta DI NOLA, tende a tornar mais próximo de si os santos da sua devoção. S. Antônio de Pádua ou de Lisboa sofreu tal transformação na religiosidade popular, que pouco lembra o modelo hagiográfico do "Doutor evangélico", confundindo-se com a representação, também ela popular, de S. Antônio Abade.

Patrono antes de tudo das jovens casamenteiras, se como outros santos pode punir severamente seus devotos, é também representado como um bom sujeito: "Encontrei com Santo Antônio/Na ladeira do Pilar/Gritando para todo o mundo/ Este copo é de virar." (19) — Mantém-se com S. Antônio uma relação mal definida entre o sagrado e o pessoal, configurada em uma imagem que pode sofrer como represálias castigos e mutilações; "Minha avó tem lá em casa/um Santo Antônio velhinho/Em os moços não me querendo/Dou pancada no santinho..." (20).

A pouca ortodoxia em relação ao catolicismo oficial evidencia-se em vários níveis na *História de um homem*; além de ser objeto de adoração, e não de simples devoção, por parte do homem e de sua mulher, ao Santo é atribuído o poder de vida e de morte — atribuição também presente no legendário sobre Santo Antônio.

Dentre as lendas correntes em Portugal e no Brasil sobre S. Antônio, a mais difundida conta que pregando em Pádua, é avisado, por um anjo, que seu pai, acusa-

- (17) Em 1595, segundo a lenda, S. Antônio impede a invasão francesa na Bahia, ganhando a partir desta data insígnias militares e recebendo um soldo em várias cidades do Brasil. As atribuições de militar são-lhe dadas também em Espanha e Portugal. Foi-lhe ainda atribuído o poder de encontrar escravos fugidos. Estas atribuições desapareceram no fim do século XIX. Note-se que os escravos o cultivavam sob a forma de um S. Antônio preto e o incorporaram a seus cultos.
- (18) G. Pansa, *Miti, leggende e superstizione dell'Abruzzo*. Sulmona, 1924. Citado por Alfonso M. Di Nola, *Gli aspetti magico-religiosi di una cultura subalterna italiana*. Torino, 1976. p. 237.
- (19) José Lins do Rego coloca esta quadra na boca do preto Passarinho, em *Fogo Morto*. Rio de Janeiro, 1973, p. 215.
- (20) In *Leonardo Mota, Violeiros do Norte*. Representado com o hábito de franciscano, trazendo em uma mão um lírio e na outra o menino Jesus, a imagem de S. Antônio tem o menino arrancado; é colocada em um pote com água ou de cabeça para baixo, pelas moças que querem casar.

do de assassinato, ia ser enforcado em Lisboa; o santo aparece nesta cidade, faz com que o morto testemunhe a inocência do seu pai e volta a Pádua para terminar o semão, sem que se tenha percebido sua ausência. Outra, conta que teria ressuscitado a filha da rainha de Leon. Atribui-se-lhe portanto poder de falar ou de ressuscitar os mortos.

Santo Antônio é personagem de muitas estórias de folhetos que têm como tema sua vida e seus milagres ou contam sobre promessas feitas por jovens casamenteiras. Na *História de três moças que queriam casar com um rapaz*, reeditada desde o início do século, duas irmãs fazem promessa a outros santos e são preteridas, casa-se aquela que fizera promessa a S. Antônio. No poema *A afilhada de Santo Antônio*, é contada a estória da filha perseguida pelo pai incestuoso que a quer desposar, e do qual escapa graças às artimanhas sugeridas pela fada, sua madrinha — é a "Peu d'âne" de Perrault. Na estória do folheto em questão, cabe a S. Antônio o papel da fada madrinha. Vê-se assim este santo presente em um conto maravilhoso (MT-510), desempenhando o papel de auxiliar mágico (21). No caso, trata-se apenas da substituição do nome da personagem, sendo mantidos os episódios da narrativa matriz.

A presença de S. Antônio na *História de um homem* não decorre diretamente do seu legendário; antes, pode-se pensar, seja explicável pelo grande número de fiéis com que conta entre os leitores de folhetos. O seu papel nesta estória não se vincula às suas atribuições costumeiras nem consiste na mera substituição do nome de uma personagem, como nas estórias dos folhetos acima citados. Teria sido propiciada pela religiosidade popular na qual se inscreve o culto aos santos.

Os trastes queridos — Da narrativa medieval o poeta popular do Nordeste recusa os episódios da taça roubada e sua doação ao mau hospedeiro. A justificativa para o roubo da taça baseia-se em elementos de uma religiosidade estranha ao poeta e ao seu público.

A transferência do papel do anjo para Santo Antônio resultou da reescritura da narrativa medieval, quando a recusa de episódios determinou a criação de outros e de novas personagens. Note-se que S. Antônio aqui tem um duplo papel: encarnaria a justiça de Deus enquanto se lhe atribui poder de vida e de morte e, como o anjo, é agente desta justiça, enquanto a executa e explicita, não correspondendo assim apenas ao anjo. Foram ainda incorporadas, na estória do folheto, uma mulher e um cavalo, "trastes" do homem, substituto do ermita. A mulher é vítima do santo, mas as suas falas, quando tenta convencer o marido da justeza dos acontecimentos (mesmo sem desvendar o sentido destes), a aproximam do anjo. Se no folheto tem-se uma criança, como nas narrativas medievais, foi completamente modificada a justificativa para a sua morte, o que já ocorre nos contos da tradição oral.

(21) O mesmo papel é desempenhado por S. Antônio no conto "Maria de Pau", versão do MT-510, registrado na Amazônia em 1970, por Vicente Salles. "Contos populares da área amazônica", Comunicação apresentada pelo autor no II Encontro de Folclore da Paraíba. Univ. Fed. da Paraíba, João Pessoa, novembro de 1977.

A presença destas personagens e o significado dos atos que realizariam, segundo vaticina o santo, inscrevem-se igualmente dentro de um determinado contexto sócio-cultural.

A valorização da "mulher honesta", da honra feminina, é atestada pela grande aceitação dos folhetos que contam histórias de esposas fiéis que muito sofrem para defender sua honra. Versificadas a partir deste tema, as histórias da Imperatriz Porcina, Genoveva de Brabant, Genevra, ou Alzira, impressas em folhetos no início deste século, conheceram sucessivas reedições e continuam a circular até nossos dias, servindo ainda de matriz a outras tantas histórias.

No folheto estudado, a mulher partilhava com o marido da devoção a Santo Antônio, tinha "bom tino" e o casal vivia em harmonia. A sua morte, no entanto, é justificada pelo fato de que trairia o marido. Aqui é possível pensar que a mulher se "perderia" por "força do destino", explicação corrente no Nordeste e tão cara aos poetas populares, mas igualmente, pela exigência de uma narrativa subjacente, cujo modelo exigiria um número determinado de episódios a serem justificados.

O filho, embora concedido por Deus (o que o diferencia dos filhos concedidos pelo demônio, como Roberto do Diabo), tomar-se-ia ladrão se não morresse. No Nordeste, um assassino, sobretudo quando se trata de crime para vingar uma afronta, é digno de respeito. O ladrão é desprezado e passível de castigos físicos infamantes, como apanhar; o homem que é surrado deve lavar esta afronta com sangue. Um filho ladrão é portanto uma vergonha e motivo de desonra para seu pai. Vergonha e desonra maior é ser traído pela mulher. Nosso herói deveria sofrer a dupla humilhação e mais ainda, seria morto pelo seu cavalo.

O mito do "homem livre" no Nordeste é associado à figura do vaqueiro, aquele que percorre as terras a cavalo, trabalhador de patrão distante, sem horário rígido e que até época não muito remota recebia em pagamento não um salário, mas um bezerro sobre quatro. O cavalo, bem da maior importância econômica, sobretudo no Sertão, é um animal ao qual o homem se afeiçoa. Na história do folheto, o homem "amava sua mulher/ a seu filhinho inocente/ e também a seu cavalo" (estr. 6v.: 1-3). É possível associar a morte do cavalo à do servo dos textos medievais, morto pelo anjo porque iria assassinar seu amo. A nossa história apresentaria assim dois episódios da narrativa que lhe serviu de modelo: a morte da criança e do servo.

Ao justificar cada uma das mortes, o padre sentencia: "S. Antônio como bom santo/matou, tirou da agonia." Esta sentença se aplicada apenas à mulher e ao menino permitiria supor que o santo livrou da agonia tanto ao homem como a aqueles. Contudo a sentença inclui o cavalo, indicando que se refere ao homem. Não se trata pois de salvar a alma da mulher e do menino, embora com a morte da mulher, até então honesta e devota, e a do menino, fosse evitado que estes pecassem, isto não é explicitado. Santo Antônio retribui o culto que lhe dispensara o homem, não protegendo os seus trastes da morte, antes, conhecedor do destino destes, os mata para preservar o homem da desonra ou mesmo para salvar-lhe a vida.

Ao se pensar a trajetória da narrativa em questão, desde os textos orientais, passando pelos textos medievais até a nossa estória de folhetos, é possível concluir como o fez Gaston de Paris para "o ermita" de Voltaire:

"Deste modo nosso conto, após haver atravessado uma fase intermediária, voltou ao seu ponto de partida, e nós o vemos em Voltaire, como na antiga lenda oriental, buscar sobre a terra mesma, e sobre a terra apenas, a justificativa misteriosa das aparentes injustiças de Deus." (22)

A *História de um homem*, que tem por modelo as narrativas medievais de "O ermita e o anjo", e segue as adaptações desta, presentes em alguns contos da tradição oral, ao justificar na terra apenas, as aparentes injustiças de Deus, reaproxima-se das narrativas orientais.

Outras presenças significativas — Encontram-se na estória do folheto várias referências ao demônio: a voz que fala ao homem em sonho diz não provir do demônio; sua mulher atribui as mortes ao maldito e o padre lhe diz que as suas dúvidas são "arte do demônio". No final da narrativa o homem percebeu que havia duvidado por arte de satanás. Bem mais concreto que Deus ou Cristo, o demônio, como os santos, é familiar aos homens. A dúvida sobre a origem de certos acontecimentos se coloca: não se sabe se provêm de Deus ou do diabo.

Na literatura oral brasileira são frequentes os contos nos quais o diabo comparece como personagem; para seduzir, pode fazer boas ações e mesmo proteger os indivíduos. Na literatura de folhetos tem-se desde pejejas com o demônio a poemas sobre indivíduos que lograram enganar o diabo, ou as famosas queixas nas quais satanás relata a Cristo a corrupção do mundo.

O padre revela ao homem os acontecimentos dos quais seria vítima mostrando-lhes em retratos. O fato do padre desvendar as ações das personagens no futuro, fazendo com que o homem as anteveja em fotografias, além de indicar a atualidade da narrativa, é explicável pelo prestígio apreço a esta forma de representação no Nordeste. Em prova de amizade, oferecem-se retratos como lembrança.

O emprego de algumas palavras e expressões na estória do folheto merece ser considerado. O homem pede para seus "trastes ficarem para semente". Trastes indicando, no caso, os bens queridos: sua mulher, seu menino e seu cavalo. A palavra trastes pode significar utensílio de casa; objeto usual da família, da casa; utensílio de casa de pobre. (23) O poeta popular utilizou esta acepção da palavra,

(22) Gaston de Paris, art. cit. p. 185.

(23) José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, 1959; Francisco da Silveira Bueno, *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da língua portuguesa*. S. Paulo, 1967; Tomé Cabral, *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza, 1972; Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Aurélio*. Rio de Janeiro, 1975, registra como significado de trastes: móvel caseiro ou utensílio de escasso ou nenhum valor; pessoa tratante ou sem nenhum préstimo, inútil.

por extensão trastes — são os pertences do homem, dono da família, da casa. A expressão “Ficar para semente”, na nossa estória, é empregada no sentido de não morrer.

Ressalve-se ainda que a expressão “Santo Antônio me enganou”, utilizada pelo homem, era na verdade, uma frase de uso corrente no período em que foi versificada a *História de um homem*, como notamos pelo seu emprego no poema *O enterro da política*, de Leandro Gomes de Barros, publicado no Recife, em 1912.

Ante o lamento do marido pela morte do filho e do cavalo, a mulher retruca-lhe, “antes morrer o cavalo/do que um de nós morresse” ou “antes morra nosso filho/do que um de nós morrer”. O que é expressão do provérbio: “dos males o menor”. Na narrativa judaica citada por Gaston de Paris, o profeta justifica ter matado uma vaca, único bem que possuía o pobre casal que os hospedara, dizendo que naquela noite deveria morrer a mulher, a quem o homem muito amava, daí haver tomado em troca a vida do animal.

O preceito é “necessário conformar-se e submeter-se aos desígnios de Deus”, que pode ser lido, no Nordeste, como destino ou sorte, é exemplar para definir a atitude fatalista interpretada pelo poeta popular na *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio*. Atitude que pode representar uma forma de adequação ante um mundo de pobreza e injustiça, embora o sentido da luta possa ser recuperada no cotidiano, como o mostram os folhetos de época publicados no período em que foi versificada a estória aqui considerada. Esta, se pode ser compreendida, por um lado, a partir da religiosidade popular do campo e dos valores aí vigentes, por outro, fornece elementos que esclarecem sobre estes valores e esta religiosidade.

Outra vertente — No conto popular espanhol “La misa de San Jose” (24) um viúvo, pai de três filhos, costumava mandar celebrar todos os anos uma missa no dia de São José, do qual era devoto. Após morrerem dois dos seus filhos no dia deste Santo, o homem se desgostou e nunca mais mandou-lhe dizer missa. Uma noite, enquanto rezava, São José apareceu-lhe e após perguntar porque não lhe pagava mais missas, como costumava fazer, explicou-lhe que lhe tirara os dois filhos maiores porque eles iam desonrá-lo e seriam condenados. A seguir, manda o homem olhar pela janela, ele olha e vê seus filhos enforcados em uma árvore; olha por outra janela e os vê ardendo no inferno. O santo diz que o caçula fora poupado porque seria santo e arcebispo. São José desapareceu e o homem pôde compreender que este lhe havia feito um bem; voltou a oferecer-lhe missa todos os anos, até morrer.

Em “La misa de San Jose” como na nossa *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio*, um homem, após a morte de entes queridos duvida do poder do santo do qual é devoto; o santo justifica-lhe as mortes. No conto espanhol, contudo, São José preenche completamente a narrativa. A apro-

(24) Aurélio M. Espinosa, op. cit., I vol. pp. 135-136.

ximação com a estória do folheto é sugerida menos por uma narrativa comum que pela proximidade entre o universo de valores e da religiosidade popular. Embora o conto espanhol mostre-se mais de acordo com a ortodoxia católica, o homem tem devoção ao santo e não adoração, ao santo é atribuído poder de vida e de morte. Se em "La misa de San Jose" não há um pedido explícito de preservação dos filhos, nem por isto o santo deixa de retribuir a devoção do homem matando os filhos que iriam desonrá-lo. Assim, a morte da mulher e do menino como dos dois filhos são igualmente justificadas pelo fato de que iriam desonrar o homem. No conto espanhol apenas em um segundo momento foi explicitado que os filhos seriam condenados ao inferno. Em nossa estória é explicitado apenas que o santo salvou o homem da desonra e da morte.

Malgrado as semelhanças — a valorização da honra e a devoção aos santos — que ponteiam as duas estórias, elas se vinculam a tradições narrativas diferentes. Enquanto a estória do folheto provém do exemplum "o ermita e o anjo", é possível que o conto espanhol, provenha de livros de devoção a este santo, nos quais são narrados os seus milagres.

O paralelo entre o conto espanhol e a estória do folheto, aparentemente iguais, que permite ver melhor a vinculação do texto brasileiro à narrativa medieval, coloca a questão das fontes a partir das quais o poeta popular versificou sua estória. É possível supor que ele conhecesse "O ermita e o anjo" como um conto da tradição oral ou mesmo escrita. Mas é também possível que a conhecesse através de sermões de padres regulares, ou das pregações dos padres franciscanos durante as Santas Missões, uma das formas pela qual a Igreja se fazia presente no interior do Nordeste, até o começo deste século. Pode-se aventar como hipótese mais geral, que os cantadores e os poetas populares conhecessem certos temas e narrativas religiosas através destas pregações.

Considerações finais — O fato do poeta popular versificar a *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio* a partir de um tema difundido pela tradição oral e escrita, na narrativa "O ermita e o anjo" (possivelmente conhecida por seus leitores), levou-o a manter as referências a Deus e à providência divina e a preservar um número determinado de episódios. A narrativa medieval é seguida no próprio desenvolvimento da estória do folheto:

- Um homem pede a Deus para seus trastes não morrerem/ Um ermita quer saber ou duvida da vontade de Deus — pretexto para explicitação da justiça de Deus (ou do santo).
- O homem após a morte da mulher pensa em suicidar-se, por isto parte/ assim como o ermita parte para compreender a justiça de Deus; em algumas narrativas o ermita parte após haver presenciado uma injustiça) — pretexto para o encontro com o anjo (com Santo Antônio). O encontro com o santo poderia ter ocorrido na própria casa do homem, como em "La misa de San Jose".
- Após o desvendamento dos episódios tem-se o desaparecimento do anjo ou do santo e o regresso do homem à sua casa, como do ermita à sua ermida.

A narrativa do folheto contudo, apresenta maior intensidade dramática, resultante da seqüência progressiva das mortes do cavalo, do menino e da mulher. O crescendo dramático é acompanhado pelas expressões proferidas pelo homem ao lamentar cada perda: "Santo Antônio me enganou", "Quedê o poder que ele tem/ o meu menino morreu/ S. Antônio não é ninguém." Morta a esposa, o homem decide enforcar-se, "quando deu-lhe a sepultura/ depois que se viu sozinho/ correu para uma mata/ depois saiu num caminho. . ." Nestes versos visualiza-se o sofrimento, que decorre do fato das ações do santo se exercerem contra o próprio homem. A *História de um homem* difere assim das narrativas orientais, do exemplum e dos contos da tradição oral (tendo como paralelo, neste aspecto, apenas "La misa de San Jose"), nela o homem não é apenas expectador, como o eremita, dos atos praticados pelo anjo como prova da justiça de Deus; é igualmente a vítima que perde todos os seus entes queridos, o que confere maior dramaticidade ao texto do poeta popular do Nordeste.

A revelação (ocasional) de uma narrativa subjacente à estória do folheto não importa enquanto matriz primeira ou versão originária, pelo interesse erudito em mostrar a fonte na qual se inspirou o poeta popular e, menos ainda, enquanto "sobrevivência" de um tema "atemporal" e "universal". O modelo subjacente importa à medida que permite, no caso, evidenciar a força do contexto sócio-cultural historicamente determinado sobre um tema da tradição, o que se faz sentir não apenas em referências acidentais, mas na estruturação mesma da trama, revelando as possibilidades e os limites de criação dos poetas populares a partir de uma narrativa preexistente.

A explicitação do modelo subjacente permitiu ver no próprio texto como a partir de esquema semelhante de fabulação operou-se a modificação do primeiro esquema em decorrência de uma reescritura feita com um jogo de episódios diferentes retirados de um outro contexto sócio-cultural, responsável pela transformação da narrativa.

BIBLIOGRAFIA

- AARNE, Antti – THOMPSON, Stith – *The types of the folk-tale*. Helsinki, *FF Communications* n.º 74, 1928.
- (ATHAYDE, João Martins de) – *História de um homem que teve uma questão com Santo Antônio*. Recife, s.d., Estr. 6 v.: 43. (Col. MA-IEB-USP)
- IDEM – Recife, 1938 (Col. R. Cantel)
- IDEM – Juazeiro do Norte, Ceará, 1950. (Col. O. Lessa)
- IDEM – Textos anteriores a 1922, transcritos nos Fundos Villa-Lobos, pastas n.º 6, 9 e 11 (IEB-USP)
- IDEM – in Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*. pp. 195-200 (fragmento)
- AZEVEDO, Thales de – *O catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC, 1955.
- BRAGA, Theophilo – *Contos tradicionais do povo português*. Vol. II. Lisboa, 2a. ed., 1915.
- CASCUDO, Luis da Câmara – *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1962.
- IDEM – *Vaqueiros e cantadores*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1939.
- CORAN – traduzido do árabe por Kasimirski. Paris, Garnier Flammarion, 1970.
- DI NOLA, Alfonso M. – *Gli aspetti magico-religiosi di una cultura subalterna italiana*. Torino, Boringhieri, 1976.
- ESPINOSA, Aurelio M. – *Cuentos populares españoles*. Recogidos de la tradición oral de España. Madrid, 1946, 2a. ed., 3 vols. I e II.
- GALVÃO, Eduardo – *Santos e visagens*. Um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. S. Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1955.
- GAYANGOS, Pascual de (Ed.) – *El libro de los exemplos*. Biblioteca de Autores Españoles, n. 51. Madrid, 1860.
- GONÇALVES FERNANDES – *Região, crença e atitude*. Uma visão da religiosidade reativa dos pequenos e médios agricultores de Pernambuco. IJNPS-MEC, Recife, 1963.
- LEERS, Bernardino O.F.M. – *Catolicismo popular e mundo rural*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- LE GOFF, Jacques – *Pour un autre Moyen-âge*. Paris, Gallimard, 1977.
- LUZEL, F.M. – *Legendes chrétiennes de la Basse-Bretagne*. Paris, Maisonneuve et Larose, 1967.
- MACEDO SOARES, J. Carlos de – *Santo Antônio de Lisboa militar no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1942.
- MARTINS, Mário – "O livro dos milagres de Santo Antônio no Medievo-Português". *Brotéria*, n. 4, 1960.
- MERCHAN, Marciano Curiel – *Cuentos extremeños*. Madrid, Biblioteca de tradiciones populares, 1944.
- MONTALVERNE, Frei – "Cronologia da vida de Santo Antônio" *Coletânea de Estudos* n. 2, Lisboa, 1947.
- MOTA, Leonardo – *Violeiros do Norte*. Ceará, Impr. Universitária, 1962.
- PARIS, Gaston de – "L'ange et l'ermite, étude sur une légende religieuse" *La poésie au Moyen-âge*. Paris, 1885.
- Rev. Inst. Est. Bras. (23) 1981.

- PEREIRA DA COSTA – *Folclore pernambucano*. Recife, 1974 (la. ed. 1908).
- PETRÉ, H., CANTEL, R. e Ricardo, R. – “Exemplum” *Dictionnaire de Spiritualité*. Paris, Beauchesne, 1961. Tome IV.
- PROPP, Wladimir – *Morphologie du conte*. Paris, Ed. du Seuil, 1970.
- QUEIROZ, M. Isaura Pereira de – “O catolicismo rústico no Brasil” *Rev. do Instituto de Estudos Brasileiros* – USP, n. 5, S. Paulo, 1968.
- TEIXEIRA, F. Gomes – *Santo Antônio de Lisboa*. (História, tradição e lenda). Lisboa, 1931.
- TERRA, Ruth B. L. – *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. FFLCH da USP, S. Paulo, 1978.
- S.A. – *Vida e milagres de Santo Antônio de Lisboa*. Lisboa, 1891.
- SCHIMITT, Jean Claude – *Le saint lévrier*. (Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIIIe siècle). Paris, Flammarion, 1979.
- VIANA, Hidelgardes – *Festas de santos e santos festejados*. Salvador, 1960.
- VOLTAIRE, F. – M.A. – *Zadig ou la destinée*. Paris, Garnier Frères, 1960.
- WELTHER, J. – TH. – *L'exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen-âge*. Paris, 1927.

HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE TEVE UMA QUESTÃO COM SANTO ANTÔNIO

Preciso contar um caso
Que em eras tempos passou
Por obra de Jesus Cristo
Dos milagres que obrou
Para que ninguém desfaça
No que Deus determinou

Houve um moço solteiro
N'uma bela freguesia
Disponha de algum recurso
No lugar onde vivia
E desejava casar-se
Coisa que a gente aprecia.

Na ilusão de solteiro
Trazia no pensamento
Agradou-se de uma moça
Contratou um casamento
Por obra de Jesus Cristo
Recebeu o sacramento.

Depois que ele casou-se
Sua mulher concebeu
Ficou muito satisfeito
Porque Deus o concedeu
Ao cabo de pouco tempo
Uma criança nasceu.

Amava sua mulher
E muito bem lhe queria
Principalmente ao filho
Que beijava-o todo dia
Também estimava muito
Um quartão que possuía

Amava sua mulher
A seu filhinho inocente
E também a seu cavalo
Por achar muito decente
Pedi a Deus que seus trastes
Ficassem para semente

Um dia estava dormindo
Quando despertou em sonho
Então uma voz lhe disse
Não é arte do demônio
P'ra teus trastes não morrer
Vai adorar Santo Antônio

Acordou sobressaltado
Antes do dia amanhecer
E chamou pela mulher
Senhora eu vou lhe dizer
Vamos adorar S. Antônio
Para vocês não morrer.

A mulher acreditou
Tudo quanto ele dizia
Pois eram um casal unido
Nunca tiveram porfia
Só ele mais a mulher
Deste segredo sabia.

Quando foi no outro dia
Fizeram invocação
Trazendo aquele santo
Contrito no coração
D'aquele dia em diante
Começaram em devoção.

Adorava S. Antônio
Com toda força que tinha
Rezava o padre nosso
Também a salve rainha
Com muita jaculatória
Oferecia a ladainha.

Nos domingos ia a missa
Todo mês se confessava
Tinha ele por comum
Na semana jejuava
Os mandamentos divino
Contrito ele guardava.

Um dia estava dormindo
Acordou sobressaltado
Quando chegou na cocheira
Estava o cavalo laçado
Com a corda no pescoço
Tinha morrido enforcado.

Ele acordou a mulher
Lhe disse o que se passou
Senhora neste fragante
Meu cavalo se enforcou
Pelo jeito que estou vendo
S. Antônio me enganou.

Lhe respondeu a mulher
É tolo quem não conhece
As obras daquele Deus
Que todo mundo obedece
Antes morrer o cavalo
De que um de nós morresse.

Foi quando ele conheceu
Que a mulher tinha bom tino
Dado pela providência
Daquele Deus tão divino
Quando foi no outro ano
Também morreu-lhe o menino.

Quando o menino morreu
Diz ele: assim não convém
Adorar a S. Antônio
Quede o poder que ele tem
O meu menino morreu
S. Antônio não é ninguém

A mulher respondeu
Você bem pode saber
Que as obras d'aquele Deus
Nós devemos obedecer
Antes morra nosso filho
Que um de nós morrer.

Aí disse ele a mulher
Já passado de agonia
Com saudade do filhinho
Que beijava todo dia
Quem é causo é S. Antônio
P'ra mim perdeu a valia

A mulher disse outra vez
Homem você está aflito
Adoremos a S. Antônio
Por um modo mais contrito
Isto é arte do diabo
Ou tentação do maldito.

Ele então disse p'ra ela
Faça lá como quiser
Da forma que entender
Do jeito que convier;
Quando foi no outro ano
Também morreu a mulher.

Quando a mulher morreu
Só faltou enlouquecer
Pelas ruas da cidade
Não pretendia viver
O coração lhe pedia
P'ra se enforcar e morrer.

Quando viu o corpo morto
Diz: deve ser sepultado
Faço a minha obrigação
Cumprir um dever sagrado
Agora determinei-me
Para morrer enforcado.

Quando deu-lhe a sepultura
Que depois se viu sozinho
Correu para uma mata
Depois saiu n'um caminho
Atrás dele vinha um homem
Montado em um burrinho.

Conheceu que era um padre
Olhou adiante e atrás
Padre sempre dá conselho
Eu já sei padre o que faz
Se ele me aconselhar
Eu morro não volto mais.

O padre falou p'ra ele
Com rogança e energia
Filho para onde vais?
Vais alguma romaria?
Ele aí torceu a cara
E lhe respondeu que ia.

O padre era S. Antônio
Mas o homem não sabia
Quando viu o reverendo
Um juízo mau fazia
Dizendo eu vou pagar
Uma santa romaria.

Senhor reverendo eu conto
Somente a vossa mercê:
Adorei a S. Antônio
Pr'a meus trastes não morrer
Porém como morreu tudo
S. Antônio não tem poder.

Então o padre falou
Com o ar muito risonho
Isto é laços do diabo
Ou tentação do demônio
Filho vai pr'a tua casa
Vai adorar S. Antônio.

O homem lhe respondeu
Adorar não pode ser
Com estas adorações
Só tem faltado morrer
Ele só mi enganando
S. Antônio tem lá poder?

O Santo lhe respondeu
Para provar-lhe a razão
Filho se veres teus trastes
Diga se conhece ou não?
Seu padre eu conheço tudo
Me dê a explicação.

Mostrou-lhe o padre um retrato
Com o cavalo selado
O cavalo estava em pé
O dono estava deitado
Tinha morrido de um coice
Que o animal tinha dado.

Ele então conheceu
Que o padre tinha bom tino
Era pela providência
D'aquele Deus tão divino
Já me disse do cavalo
Me diga do meu menino.

N'um dia em que tu montavas
Deste cavalo caía
Desta queda que levavas
Não escapavas morria
S. Antônio como bom santo
Matou tirou da agonia.

Mostrou-lhe outro retrato
 C'o o menino retratado
 Todo amarrado de corda
 Rodeiado de soldado
 E o pai pertinho d'ele
 Triste para o outro lado.

Teu filho com quinze anos
 Roubava tudo que via
 Era preso no fragante
 Trancado numa enxovia
 Santo Antônio como bom santo
 Matou tirou d'agonia.

Seu padre suas palavras
 É grande o valor que tem
 Porque quando sae da boca
 Os anjos dizem amém
 Já que disse do menino
 Diga da mulher também.

Mostrou-lhe outro retrato
 Provando a devassidão
 A mulher em braço d'outro
 De gosto e satisfação,
 Perguntou se era ele
 Este respondeu que não

O santo lhe explicou
 Tudo que lhe acontecia
 Porque a tua mulher
 Com outro homem fugia
 Ele como é bom santo
 Matou tirou d'agonia.

Aí o padre tomou-se
 Com o ar muito tristonho
 Sobre o teu modo de vida
 Com isto não me oponho
 É melhor voltar p'ra casa
 Vai adorar S. Antônio

Ele baixou a vista
 Um pouco tempo pensou
 Depois de ter refletido
 Que a vista levantou
 Conheceu que estava só
 Caça o padre e não achou.

Ele então seguiu p'ra trás
 Dizendo isto foi sonho
 Foi arte de satanás
 De acordo com o demônio
 Eu vou para minha casa
 Adorar a S. Antônio.

Ele seguiu para casa
 Fez nova invocação
 Adorando a S. Antônio
 Contrito de coração
 Morreu com setenta anos
 Quando teve a salvação.